

## Sintomas eloquentes

Os fenómenos sociais surgem de ambientes próprios. Estes de determinadas condições, que por sua vez se formam noutros ambientes.

Quem se dedica ao estudo destas questões e na sociedade desempenha lugares considerados de destaque, não pode deixar de atender a estes conceitos duma certeza absoluta. Mas quem despreza estes pontos básicos, para atender apenas ao seu critério pessoal, certo é que prepara o terreno às mais variadas manifestações, tendentes ao aparecimento de novos períodos, que mais se adaptem às necessidades reais da vida.

Reduzir as aspirações dum povo à vontade omnipotente de quem quer que seja, pode comparar-se somente ao louco desejo de querer abafar a lava que a cratera do vulcão expele quando em erupção.

E quando assim sucede, quando se pretende sufocar a voz ardorosa da multidão, os resultados sempre foram contrários às aspirações dos que pensam reduzi-la ao silêncio. São sufocadas pela retumbância da explosão, como o vulcão que se sentisse oprimido sem poder dar curso ao seu natural movimento. Nesses momentos é quando se começa fazendo sentir os rumores subterâneos que abalam as sociedades, como os sismos abalam a terra, em sacudidelas bruscas e violentas. Existe neste ponto certa semelhança entre a física e a sociologia.

Pouca gente, porém, concebeu estes problemas sob o aspecto em que os temos estado a cofocar. Para a maioria o assunto apenas se resolve pela violência. Quem as melhor tiver—melhor as jogar. Daí a admiração que causam certos acontecimentos considerados inesperados e que uma simples análise anterior teriam previsto com clareza. Assim, se explicam certas lutas que através do Universo se estão dando constantemente. Lutas filhas da congregação de elementos naturais que em especiais momentos produzem os seus efeitos e lutas entre a própria Humanidade.

Os exemplos são inúmeros. Para estarmos a citá-los, seria preciso grande espaço. Um ou dois aspectos apenas, seria insuficiente. Basta que queiramos ver as coisas como elas se apresentam para que as deduções se tirem concretas.

Em toda a parte se pressente a aparição do fenómeno que, socialmente, modifique a situação presente. Até lá, porém, os rumores hão-de continuar a sentir-se, provocando estremecimentos alternados e de diminutos proveitos. Serão esses factos, porém, que, reunidos, provocarão a grande e fatal deflagração social.

Quanto ao que mais directamente nos diz respeito, os factos são bem eloquentes na sua expressão actual.

Quem os não quer observar, é porque cerra os olhos à realidade e obstinadamente corre sem rumo, perplexo, desorientado, apoiando-se apenas na violência que, como se sabe só assegura um fictício predomínio num período assaz diminuído, em relação ao rápido andamento das sociedades.

Todas as exteriorizações da vida presente são os mais fortes argumentos a contrapor à estulta pretensão de se manter este estado de coisas sem uma transformação profunda. E essas exteriorizações que traduzem o estado de alma dum povo, são os sintomas mais significativos das ilacções tiradas.

## Comissão pró A BATALHA

Reúnte no dia 17 a comissão Pró A Batalha nomeada na penúltima reunião do Conselho Confederal, apreciando a situação difícil, sob o ponto de vista material, em que A Batalha se encontra, e uma circular-quete, que vai ser enviada a todos os organismos sindicais.

A comissão exorta os mesmos a desde já, em todas as oficinas ou fábricas ou reuniões das classes, abrirem quetes em favor do nosso órgão na imprensa.

Coincidindo a constituição desta comissão com a passagem do 8.º aniversário do jornal deliberou-se solenizar a passagem desta gloriosa acontecimento nas fileiras da Organização Sindical com a efectivação de várias solenidades a efectuar na sua sede, sendo intenção da comissão tornar extensiva aos organismos da província a comemoração desta data, para o que se lhes dirigiu convidando-os a, nas respectivas localidades, comemorar esta data.

Oportunamente a comissão dará conta por intermédio de A Batalha, dos trabalhos que for efectuando, esperando que todos os organismos correspondam ao desejo a comissão, dando-lhe o seu apoio.

## A versatilidade da grande imprensa

Existem em Portugal dois jornais de grandes tiragens: o *Diário de Notícias* e o *Século*. Pelos seus recursos, pelas suas instalações, pelo seu poder de expansão exercem na sociedade portuguesa uma grande influência. Os outros jornais não podendo por rotina ou por falta de recursos lutar com eles em informação tiveram que resignar-se às tiragens do seu público especial, restrito em relação ao grande público.

Se a expressão do país fosse a expressão desses dois grandes jornais—o país ou teria a sua consciência moral formada na Penitenciária ou daria a impressão triste e desolada dum agregado heterogêneo de loucos. Mas é preciso gritá-lo bem alto: esses dois jornais nem estão integrados em nenhuma grande corrente do pensamento, nem representam uma grande corrente de opinião. O público que os compra despreza e quase não lê o que eles dizem, comprando-os unicamente para tomarem conhecimento do seu noticiário abundante e variado.

Esses jornais não gozam dum crédito que possa aquilatar-se pela sua venda. Estão ali bastante desacreditados no conceito público: a sua vida interna plena de trações, de misérias morais, de combinações torpes é geralmente conhecida. Todos sabem que neles a verdade é estrangulada ou deturpada ao sabor de interesses inconfessáveis e têm sempre, permanente um cofre ou um potencial de vigilância.

O *Diário de Notícias* publicou há dias — e nós comentámo-lo devidamente — um artigo da autoria do sr. Schwabach intitulado «Um grande desvario» no qual se condenava acerbamente o documento entregue pelos directores dos partidos políticos às legações e se fazia à custa de toda a população uma mistificação política despidida inteiramente de lógica, de sensibilidade moral e até de inteligência.

Esse artigo se fosse sincero — devia de ser o início duma vigorosa campanha. Não o foi porque, embora tardamente, se aperceberam do fiasco que tinham cometido e ainda porque receberam ter comprometido demasiadamente a sua opinião. Traza-se os seus interesses e a sua situação.

Estiveram uns dias silenciosos não deixando transparecer ao público o grande receio em que ficaram. Pois ontem voltaram a falar — para se desdizerem! No mesmo local em que publicaram o artigo atacando os políticos reproduziram a defesa desses políticos. Neste processo de tração à pátria como eles dizem fizeram de ministério público aterrador — e de advogado defendendo-os com larga reprodução de documentos.

O «ah» de indignação do público tinha deixado de existir no espaço de quarenta e oito horas!

O *Diário de Notícias* e o *Século* são duas ventoinhas cômicas. Os patros são vários, as opiniões também. A Moagem é de todos os governos que a auxiliam nos seus negócios e nas suas fraudes — e o *Diário de Notícias* encarna todas essas opiniões e lança-as à publicidade com um desleixo que espanta os indivíduos mais destituídos de carácter e com uma rapidez que causa estranheza a esse *jongleur* maravilhoso que é o sr. Cunha Leal. O *Século* tem vivido em completo leilão de haveres e de opiniões.

Os leitores desses dois chamados «colossos» não podem ter dele senão uma opinião: a de que eles são os maiores agentes de mistificação e corrupção da sociedade portuguesa.

## A tragédia de um humorista

### Uma dramática fita de Charlot

NEW-YORK, 19. — A mulher de Charles Chaplin chegou ontem, em Los Angeles, onde foi julgado o processo de divórcio movido contra o grande comediante. Mistress Chaplin obteve uma pensão para alimentação de 800 libras por mês, 800 libras para os seus advogados, 430 libras por juros de papéis de crédito ainda por receber e mais 120 libras para os seus detectives. A ex-mulher de «Charlot» obteve ainda a tutela sobre os seus dois filhos e proibição de serem visitados pelo pai. Pela execução da sentença respondem as propriedades de Charles Chaplin que está doente em New-York. — (L.)

## Notas & Comentários

### A unidade...

Na sede da associação dos Fragateiros realizou-se hoje, pelas 20 horas, uma sessão de propaganda da «Confederação Nacional dos Marítimos e Fluviais de Portugal», ou, para sermos mais exactos, dos organismos marítimos que se afastaram da C. G. T., abrindo uma scisão a todos os títulos deplorable e prejudicial para os interesses e para o prestígio da organização operária.

Nessa sessão de seccionistas usou da palavra um representante do «Comitê Pro-Unidade». Dêse comitê fazem parte exclusivamente elementos seccionistas e fácil é de calcular o que irá lá defender esse representante. Não pode ser outra coisa senão a unidade da scisão, isto é, isolamento e o afastamento das classes operárias, umas das outras.

### Livros novos

A livraria Aillaud & Bertrand acaba de lançar no mercado três obras de Blasco Ibañez: «A Corteza de Sagunto», «A Catedral e Jesuitas».

Agradecemos os exemplares que nos enviou.

«A Batalha» vende-se em todas as tabacarias

## PINA MANIQUE e a Intendência Geral da Polícia

Quando surgiu nos jornais a notícia de que ia ser criada a Intendência Geral da Polícia tivemos a ideia de fazer uma reconstituição histórica, ainda que bastante resumida e sintética, da sociedade portuguesa do tempo em que viveu e se celebrou o intendente D. Diogo Pina Manique. Forças a desistir de semelhante ideia por razões que entendemos não dever expor, foi com alegria que soubemos ter Rocha Martins conseguido pô-la em prática numa crónica bastante interessante e sugestiva no *Diário da Tarde*. Dela transcrevemos, com a devida vénia, as seguintes frásicas passagens:

«Pina Manique volta a ser recordado desde que se vai restabelecer—embora noutro critério—a Intendência da Polícia em Portugal. Ele tentou a barragem «às ideias francesas»; hoje o magistrado que ocupar sua função deve querer esmagar «as ideias russas». Há, porém, um vento que impele o pensamento. Querer detê-lo, enclausurá-lo, é como pretender fechar numa *bonbonnière* o ruído do vasto mar. Aquele procurava a manutenção dos privilégios da aristocracia escangalhados em França, derruídos, em nome da igualdade. Nasceu outra casta: a burguesia. Pior que a dos fidalgos, essa raça foi mais cruel para o povo. Meteu-lhe, hipócritamente, o boletim de voto na mão, chama-lhe «soberano» e vive à sua custa. Em Roma os escravos traziam gólgas em que se lia: «pertence a Caio, a Tibério, a César»; os cidadãos, que a burguesia venera, nos dias das eleições usam, um, chapas metálicas nos bonés, nos peitos, nos braços; outros, a maioria, trazem lames nas almas, porque dependem dos ricos. A gólgia do escravo de Caio ou de Tibério é hoje a chapa do cobrador de um banco ou do empregado de companhia poderosa. Enquanto não houver libertação económica não existirá a verdadeira liberdade política. E' a esta compreensão que se chama, hoje «as ideias russas», como no tempo de Manique a derrocada dos preconceitos aristocráticos se intitulava «ideias francesas».

Pois para as estranhas, o Intendente possuía um exército de sagões. Todas as classes sociais tinham os seus vigias. Portugal dividia-se em espíes e espiões. Tudo quanto vinha de França, fosse um fidalgo, como o duque de Coigny, ou um impostor como José Balsamo, era verificado, mexido, fruto de análise, objecto de desconfianças. Os locandeiros, os soldados, os almocreves, os mendigos, os frades, eram espíes. Falava-se baixinho nas ruas, em casa, nos espectáculos que o Intendente pretendia moralizar. Ordenava decore no trajos às mulheres, morigeração na língua aos homens. O seu fim consistia em verrar os cérebros e apreender os pensamentos. Tremia-se à sua volta. Receava-se a projecção da sua enorme sombra. Era um colosso e um potentado. Tinha gestos pomalinos desde que mandara largar fogo às casas dos pescadores na Trafaria, para apagar os refractários, e empregava estas atitudes em outros maqueamentos da excelência tirânica: piparoteava os grãos de rapé nos botes da camisa e assitava, em demoras, a sua luneta de cabo.

Soubera encontrar nas almas o filão a explorar. Pavava aos denunciantes, mas examinava bem as culpas dos denunciados. Senhor de semelhante poder não havia mais ninguém. Entregaram-lhe uma sociedade ferida para curar, e a que mais receava a contagiar-lhe as chagas abertas era o pú da francesaria. Se ele pudesse queimar a França como aos casabes da Trafaria ou aos livros que apreendia a bordo dos navios no Tejo? Dormiria então sossegado o senhor Intendente da Polícia. Mas a França dominava o mundo; Manique queria detê-la nas ideias, como se procurasse conter o Niágara nas conchas de suas mãos.

... Pina Manique devia ter caído numa auto-análise singular.

Passara largos anos a querer afastar as «ideias da francesaria»; encerrara os jacobinos, espionara, revolveu, esmagara; sua polícia, sem igual, formara uma rede enorme no país. Aprendera livros e penetrava consciências. As negregadas «ideias francesas» não germinavam. O Intendente queria fechá-las na sua mão, como a um pulso de capturado, mas eram muito fulgurantes e belas para se apreenderem com manhas. Passavam através das algebras. Vinham com aquele general. Era o embaixador dos vencedores, e contaminava tudo o que se lhe aproximava como hoje, dentro de todas as camadas, «as ideias russas» fazem os seus prosélitos.

E' que uns tinham demolido com o nome da Liberdade nos lábios, e, embora não a gerassem em toda a linha, abatiam muitos privilégios; os outros falavam de gozar já na terra os bens que os padres prometem, lá longe, no céu. Os partidários nasceram, e actualmente todos se dizem filhos da revolução francesa. Manique sentia que não se detinha o pensamento. A' primeira turra com um jacobino mais poderoso caía. D. João demitiu-o. Recolheu à vida privada. Durou apenas dois anos. Agora, ao evocar-se este tempo, diz-se:

—No período do absolutismo, quando havia privilégios!

Eles continuam na riqueza e é louco quem se julga livre sendo pobre. Manique nunca imaginou ser derrotado, como os homens do presente não acham possível rair um dia em que se diga:

—Quando ainda havia milionários e banqueiros...

## A epidemia de «influenza»

### Seus aspectos em vários países

GENEVA, 19. — Comunicam da repartição de saúde da Sociedade das Nações que a epidemia da «influenza» se estende na Espanha a trinta e cinco províncias, geralmente com carácter benigno, tendo a mortalidade na segunda semana de Janeiro sido absolutamente normal. A epidemia não se regista na Rússia, na Estónia, Letónia e Lituânia. Nos países baixos a epidemia tem o carácter pneumónico, na Hungria apresenta o aspecto normal da presente estação do ano e em Copenhaga o número de casos aumenta lentamente. — (L.)

## Fez ontem oito anos

que os monárquicos escreveram no norte do país um regime de infâmias e atrocidades

O *Correio da Manhã* brindou ontem os seus leitores com um retrato de Paiva Couceiro, de desconhecidas proporções, retrato que, envolvido em rotundos dizeres, comemorava a monarquia implantada no Norte há cerca de oito anos.

Nesses dizeres a generosidade dos monárquicos para com Sidónio Pais afirma-se esplendidamente magnânima. «Nós deixámo-lhe—os monárquicos, é claro—a continuidade do poder enquanto os objectivos do seu governo fossem pura e simplesmente nacionais».

Não pode haver, em matéria política, desinteresse maior! Os monárquicos consentiam quem os contentasse no exército dando ordens, no governo influenciando e em todo o país—mediante uma condição irrisória e vaga. Sidónio Pais apoiava-se nos monárquicos e deixava-os conquistar o país, palmo a palmo, sem os incomodar e sem os repreender. Em troca os monárquicos espantavam-lhe a espada nos rins, pronta a trespassá-lo logo que o governo dele «não fosse puramente nacional».

E' claro que os monárquicos mal tivessem tudo nas mãos declaravam o governo de Sidónio fora da «pureza nacional», derrubavam-no e implantavam a monarquia. Quando aquele presidente da república ia ao Norte pedir aos monárquicos que não prendessem e que não espantassem mais republicanos e que não conspirassem, surgiram os filhos de José Júlio da Costa que foram a sorte grande para os áulicos de Couceiro. Livraram-se dum homem a quem eles apoiavam na esperança de o escorçoar do poder, por meio duma insurreição.

Mal arrefeceu o cadáver de Sidónio, os servidores de Sidónio implantaram no Norte a monarquia. Durante o mês em que esse regime vigorou houve, mormente no Porto, um entrudo trágico.

A monarquia de Carnaval alistou quanto malandro, quanto vadio, quanto sicário lhe apareceu no Porto e com eles iniciou um regime da terror. Viveu-se sob o império de denúncia; aboliram-se todas as liberdades, anularam-se todos os direitos. As cadeias encheram-se de presos—e os presos foram barbaramente maltratados e agredidos, nem respeitando a muitos as mulheres das suas famílias.

O Eden Teatro tornou-se triste-mante célebre. Cometeram-se ali as maiores atrocidades, as maiores baixezas e as maiores infâmias. A Inquisição teve nesse teatro convertido em cárcere uma resurreição cruel e odiosa: resuscitaram todos os suplicios, puzeram-se em prática as maiores torturas.

Bater-se em presos foi sempre uma cobardia sem nome, uma cobardia que desonra para sempre quem a pratica e que cobre de opróbio o regime que a sanciona. Aquela monarquia a dias poderia ter-se contentado em ter sido ridícula. Se o tivesse feito a sua recordação provocaria apenas o riso. Assim provocou a cólera e causa uma reputação profunda.

Há ofensas que não esquecem, humilhações que não se perdoam e ninguém de sentimento recto, de consciência digna pode recordar-se do vil espectáculo do Eden Teatro, sem se indignar.

Um regime que se implantou com os seus homens mais representativos a assistirem de camarote a bárbaros espancamentos tinha os seus dias contados, visto que o povo nunca aplaudiu assassinos, nem carceres, antes se fez sempre seu juiz, varrendo-os para longe, com uma indignação decisiva.

O *Correio da Manhã* esqueceu-se destes crimes e não teve uma palavra para os condenar. Nem condenou. E' que os crimes foram praticados por seus correligionários e por bandidos a soldo dos seus correligionários...

### Residência dos Directórios

Informam da Arcada:  
O general sr. Sá Cardoso, tenentes-coroneis sr. Vítorino Guimarães, Helder Ribeiro e Cortez dos Santos e o dr. sr. Lopes de Oliveira, que seguiram por ordem do governo a bordo do «Niassa», em virtude da nota dos Directórios, foram para São Tiago de Cabo Verde (cidade da Praia) e não para São Tomé como se disse.

## O REGIME DO PÃO

## A moagem prepara-se para dar um salto de tigre sobre os consumidores

Apareceu ontem o tão falado decreto sobre o tipo único de pão, que a partir de 1 de Fevereiro entrará em vigor. Como todos os diplomas oficiais, é um documento vazio, a pesar de repleto de artigos e parágrafos.

Estabelece o referido decreto um série de penalidades para os contraventores que devam fazer sorrir os industriais de panificação quando as leram.

O tipo único de pão será o que disseemos há dias: o pão tipo único de lixo, aquele pão que o diabo amassou para nós, os que trabalham, tragarmos. Não nos convence que os moageiros e os panificadores arriem caminho.

O pão não tardará que falte. Não tardará mesmo que nas padarias falte o pão claro e saboroso. A farinha boa será para o fabrico de bglachas e para o pão «clandestino» destinado à família da casa.

E os protestos estruam logo nos primeiros dias como que a afirmar os protestos da população contra a Moagem e a Panificação. Sim, porque não acreditamos que essas duas entidades sinistras deixem de roubar a bolsa e a vida ao consumidor.

O decreto contém várias omissões, voluntárias ou propositadas, que serão o início da grande luta. O artigo 16.º permite o fabrico de pão de forma com o peso de quilograma e meio quilograma e bem assim os formatos pequenos até 150 gramas, «papo seco», chamado.

Como o decreto diz apenas que o preço do quilograma do pão será de 2500 e não estabelece para cada formato o respectivo preço sucederá, inevitavelmente, que para o pão de formato pequeno criar-se-há, arbitrariamente, o preço que melhor convier aos industriais.

Admitamos que para o pão de 125 gramas se estabelecerá o preço de 63 centavos. Temos, por consequência, um quilograma de pão, em pequenas fracções, ao preço de cerca de 4500.

O resultado desta anomalia não se fará esperar. Os industriais, usando da faculdade que o decreto confere, fabricarão em maior porção pão em pequenas fracções. O pão de quilo ou de meio quilo pouco aparecerá nas padarias, porque nele os lucros são menores.

Abundância—se houver!—verificar-se-há no pão pequeno.

Se atendermos a que no actual regime temos três tipos ao preço, respectivamente, de 1880, dos pobres; 2335, fino; 2380, de luxo, hemios de convir que o regime de tipo único principia sob maus auspícios, porque dá margem a que amanhã comamos pão de pior qualidade e mais caro do que o de hoje, actualmente.

Pergunta-se: em que ganhou o público com o novo regime? Nada. Com o tipo único só ganharam os industriais impingindo nos todo o lixo que têm guardado e obrigando-nos a pagar um quilograma de pão de trigo pelo preço de um quilograma de pão de ló.

O tipo único é realmente uma grande aspiração das classes populares. Mas não é o tipo único que convém à Moagem, pois esse só serve para as montureiras. E' o tipo único que o povo ainda um dia há de reivindicar, quando sair da atonia em que se encontra.

## SINDICALISMO E ANARQUISMO

## AS IDEAS E O SINDICALISMO

Nós, anarquistas, que temos concebido e aceiteado o *sindicalismo puro*, como uma negação da vitalidade revolucionária, por constatar que a ausência de ideal é o móbil que justifica a degeneração da acção operária e origina a petrificação estática da colaboração de classes, procuramos a *sindicalismo puro* e transformadora desse *sindicalismo puro* e não logramos encontrá-la nem recorrendo aos estudos da alquimia.

Admitindo que fosse possível contar com a acção revolucionária dum *sindicalismo com possibilidade própria*, estaríamos também com a inadivável obrigação de combater e criticá-lo, porque do seu emprego resultaria um novo óbice posto no caminho da explanação e experiência das nossas ideias. Poderia qualificar-se um crime de lesa liberdade a transigência anarquista ante a possibilidade revolucionária desse sindicalismo. Resultando que a nossa acção como trabalhadores dentro desses sindicatos, só teria um carácter e se encaminharia a um fim: anular a sua influência de convergência revolucionária transitória, entre os trabalhadores não anarquistas, para que duma forma vasta assimilassem a nossa ideologia de ampla liberdade sem submeter ao fatalismo (?) da gradação social e libertária.

Podemos, pois, afirmar que esse momento já chegou e portanto do sindicalismo, melhor diremos do sindicato, temos feito a nossa escola económica que ensina como a economia anarquista é superior à economia sindicalista, com o que conseguimos que os trabalhadores adquiram dentro do sindicato uma mentalidade de homens livres e não a de engrenagens inanimadas movidas pela máquina reguladora do sindicalismo que diz bastar-se a si próprio e cuja aspiração máxima é suplantá-la a burguesia para apossar-se da sua herança económica constituída por iguonímia e por desequilíbrios...

Assim como nós chegamos a essa conclusão, os adversários chegam à sua, fazendo com que o sindicato viva as palpitações dos seus programas estatais, deixando que os sindicalistas *puros*, que detestam a terminologia qualificada por eles de dogmática, continuem ficando em residuo e confiando na sua pueril unidade.

Como há que ter em conta que não é concebível a dualidade de critério, nem mesmo indivíduo, já que este em política é democrata, forçosamente, pela lei da vida, será em economia um denodado defensor do governo do Povo, trampolice disfarçada, porém, Estado autoritário de facto. Os operários de ideias políticas e intervencionistas legais, da *causa pública*, quando forem ao sindicato não poderão admitir os seus princípios de igualdade económica e procurar sobrepor o seu fim político ao fim social do sindicato.

Não é possível nem lógico admitir uma contradição social e política. Os republicanos—entenda-se bem, assalariados—que não acatem os ideais de igualdade económica jamais poderão conceituar-se como sindicalistas revolucionários e o mesmo se poderá dizer com relação aos marxistas radicais ou reformistas, que defendem a função do Estado como coisa indiscutível e milagrosa; resultando que também não poderão ser fiéis mandatários dos objectivos económicos que encarna o sindicalismo de pura cepa revolucionária.

E' útil consultar as ideias dos teóricos sindicalistas, mas, muitíssimo mais nos elucidica, educa e ensina, a trajetória que historicamente tem seguido o movimento operário integrado nos postulados da I.ª Internacional, pois é este e não outro o movimento sindical que se adaptou às ultimas modalidades do sindicalismo nascido com Pelloutier, em França.

Para salvar e pôr em marcha a organização revolucionária dos trabalhadores, Pelloutier chamou em seu auxílio os anarquistas e levou-os a uma acção de conjunto para celebrar o triunfo da causa dos trabalhadores.

Quem vem confirmar a nossa tese, que consiste em que o sindicato para preencher a sua missão tem que adaptar-se às ideias de liberdade, é exactamente Pelloutier, um teórico sindicalista, que vaticinou a insurgente bancarrota dos sindicatos chefiada por aventureiros políticos, cuja fauna actual e encarnada por Jouhaux, D'Aragona, Largo Caballero e comparsas.

A' margem das três internacionais existentes — e a I. S. V. não chegou à fusão com a F. S. I. porque os marchais socialistas renegam o parentesco marxista que os une — ficam alguns organismos autónomos que se dizem arautos da Internacional Unica. Esta opinião foi sustentada pelos minoritários franceses durante quatro anos, que com a recente constituição da C. G. T. S. R. deram por terminado esse erro. Também são dessa opinião os I. W. W., central da América do Norte, que foi cortada pelos satélites de Moscú e hoje mantém fraternais relações com a A. I. T.

A- pesar de todos os desgostos que ocasione, a herança de Marx é um lastro que os sindicalistas possibilistas não conseguem afastar e que os operários anarquistas têm em conta dum modo absoluto, pois isso equivale à existência do nosso movimento operário.

A unidade sindical baseando-se na Internacional Unica é o impossível, porém, a união objectiva e tática dos trabalhadores de espírito revolucionário é o que pode existir e ter consistência.

A independência do sindicato só é garantida pelo federalismo e pela liberdade, por consequência, é o ideal anarquista o dinamismo da acção revolucionária dos trabalhadores.

Pese isso aos anatematos dos nossos detractores, a história do movimento operário confirma o nosso ponto de vista. Sirva a observação aos *puros* do sindicato sindicalista.

R. MAGRIÑA

### NO IAS DO ESTRANGEIRO

## A relíquia de um falso império

### Morreu a viúva do que foi Maximiliano

BRUXELAS, 12. — Acaba de falecer com 87 anos de idade, no seu castelo de Bouchat, a princesa Carlota, ex-imperatriz do México, viúva do imperador Maximiliano. — (H.)

### Os últimos momentos

BRUXELAS, 12. — A ex-imperatriz Carlota, viúva de Maximiliano I, do México e arquiduque de Austria, fúsiado em Quereira, faleceu às 7 da manhã de hoje. A que foi mulher do arquiduque Fernando José, expirou rodeada pelo barão de Cofinat, pelas suas três damas de honor, pelo médico que a estava tratando da pneumonia que a vitimou e o cura de Meyse. O rei Alberto I esteve momentos depois na câmara ardente. Os funerais devem realizar-se na próxima sexta-feira ou no sábado para o Panteão real. — (L.)

### A agitação no México

#### Um bispo da idade média

NEW-YORK, 19. — O arcebispo de Suadafajama levantou uma revolta no Estado de Jassico declarando que muito sangue será preciso derramar antes da revolução obter o seu triunfo. Os revolucionários são mexicanos da classe média e camponeses índios. A revolta contra o presidente Calles estende-se já a oito estados afirmando-se que um exército comandado pelo general Reys derrotou vários corpos de tropas do presidente. — (L.)







MARCO POSTAL

Santo Aleixo - Monforte - Ass. dos Rurais - Recebemos 1930. Pagou a assinatura até final do mês p. f. Foz do Douro - A. A. de Castro - Recebemos 9350. Pagou a assinatura do mês de Junho de 1925. Veja no quanto está atrasado.

CAMEIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		95\$00
Madrid cheque		3517
Paris, cheque		5785
Suiza, cheque		578
Bruxelas cheque		2374
New-York		1958
Amsterdão		7584
Itália, cheque		3855
Brasil		2530
Praga, cheque		5585
Suécia, cheque		5524
Austria, cheque		2577
Berlim		466

Espectáculos de hoje

TEATROS  
Teatro S. Carlos - A's 21 - "A mulher".  
Teatro Nacional - "A Justiça".  
Teatro S. Luís - A's 21 - "O príncipe Orloff".  
Teatro da Trindade - A's 21, 15 - "A Garçonete".  
Teatro do Ginásio - A's 21 - "O Caso do Dia". - Conchita Ullia.  
Teatro Apolo - A's 20, 30 e 22, 30 - "Mouraria".  
Teatro Avenida - A's 21, 30 - "O Pé de Salsão".  
Teatro Variedades - A's 8, 30 e 10, 30 - "O Inferno".  
Coliseu dos Recreios - A's 21 - Companhia de Circo.  
Teatro Salão Foz - A's 20, 30 e 22, 30 - "Pim! Pim! Pim!".  
Teatro Joaquim d'Almeida - A's 20 e 21 - Cinema e variedades.

CINEMAS  
Tivoli - Todas as noites animatôgrafo. Salão Olimpia - Todos os dias das 2,30 da tarde às 12,30 da noite. Sessões consecutivas de animatôgrafo e concerto musical. - Rua dos Condes.

Jardim Zoológico. - Exposição de animais.

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98  
TELEFONE N. 5353  
Medicina, coração e pulmões - Dr. Armando Nardim - A's 9 horas.  
Cirurgia, operações - Dr. Bernardo Vilar - 10 horas.  
Rins, vias urinárias - Dr. Miguel Magalhães - 10 horas.  
Fiebre e sífilis - Dr. Correia Figueiredo - 11 e 13 horas.  
Doenças nervosas, electroterapia - Dr. R. Loff - 2 horas.  
Doenças dos olhos - Dr. Mário de Matos - 2 horas.  
Garganta, nariz e ouvidos - Dr. Mário Oliveira - 12 horas.  
Estômago e intestinos - Dr. Mendes Belo - 3, 5, 7 horas.  
Doenças das mulheres - Dr. Emilio Palma - 2 horas.  
Doenças das crianças - Dr. Filipe Mano - 12 horas.  
Tratamento de diabetes - Dr. Ernesto Roma - 3 horas.  
Dentes e dentes - Dr. Armando Lima - 10 horas.  
Cânfero e rádio - Dr. Cabral de Melo - 1 hora.  
Raios X - Dr. Alceu Saldaña - 1 hora.  
Análises - Dr. Gabriela Beato - 4 horas.

LEILÃO DE PENHORES

R. A. M. Alegrete, 30  
A 24, de todos os penhores atrasados

A EPOPEIA DO TRABALHO

— POR —  
Ferreira de Castro, com desenhos de Roberto Nobre  
Espanhol livro, que é um verdadeiro hino ao Trabalho, com dezenas de gravuras. A venda nas livrarias, ao preço de 6300 e, á cobrança, de 7300.  
Pedidos à Livraria Renascença, de J. Cardoso, editor, Rua dos Poiais de São Bento, 27 e 29 e à Administração de A Batalha, calçada do Combro, 38-A, 2.º - Lisboa - Portugal.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 38 desta revista intitulada *El drama de un amor vulgar*, de J. Rodriguez Aragón. Preço, 550. Pedidos à administração de A Batalha.

Leve o Suplemento de "A Batalha"

mas linhas da memória que estou escrevendo para o meu filho sobre os acontecimentos do nosso tempo: «Tu nascerás em tempos sem igual no mundo, meu querido filho; e quando se tiver desenvolvido a tua razão, das de ler estas páginas escritas por mim na presença duma mãe querida, enquanto teu pai se bate pela independência da pátria, pela Revolução e pela República.  
«Talvez algum dia ojas caluniar e maldizer esta terrível e heroica época em que nasceste. Talvez—mas isso momentaneamente—ainda vejas ressurgir os espectros horríveis da realeza e da igreja de Roma. «Cristo, o proletário de Nazaré, tinha dito: «Quebrar-se hão os ferros dos escravos;—todos os homens serão unidos numa fraterna igualdade;—os pobres, as viúvas e os órfãos serão socorridos.»  
«E eis o que sucedeu:—Os que se dizem ministros de Deus continuaram, durante dezoito séculos, a possuir escravos, servos e vassallos. Nemo só dia, a Revolução realizou a profecia de Cristo, esquecida pelos seus pais!...  
—Isso é verdade, minha filha!—disse a sr.ª Desmarais. A República fez num dia o que a Igreja não tinha querido fazer durante séculos; dependia dela, pelo menos, pregar com o exemplo a emancipação dos escravos, servos e vassallos que lhe pertenciam antes da Revolução. Maldita seja a Igreja!  
—Tu compreendes, mãe, que nesta época o bem vence o mal... Prossigo na minha leitura:  
«A Igreja e a realeza deixavam muito de propósito o povo numa profunda ignorância, a fim de o tornar mais sujeito ao servilismo. Eis o que a República decretou a 8 de niove do ano II (1794):  
«A Convenção Nacional decreta:  
«O ensino será livre, gratuito e obrigatório. A «Convenção encarrega a comissão de instrução pública de lhe propor os livros elementares destinados a formar a educação dos cidadãos. Os primeiros destes livros devem ser a Declaração dos Direitos do Ho-

CONSELHO TECNICO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpeza, construção de fornos em todos os géneros, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.

Telefone — 539 Trindade  
Escritório:  
Calçada do Combro, 38-A, 2.º

NAO SOFRAM MAIS!



— Usem HERPETOL para as —  
doenças da pele —  
Umas gotas deste medicamento acalmam e fazem por completo desaparecer o cocecho. O HERPETOL é a realidade o primeiro medicamento descoberto para as doenças da pele, tais como: ECZEMAS, MANCHAS, BRUCCOS, ESPINHAS, CRUSTAS, ARDENCIA NA PELE e MORDEDEURAS DE INSETOS. Instantes depois da aplicação, o doente sente-se aliviado e os sintomas de restabelecimento. A CURA É CERTA, em muitos casos um só frasco, e o suficiente para uma cura. Se sofrer, sempre sem demora esta especialidade que se vende nas principais farmácias.

DEPOSITOS:  
LISBOA, R. DA PRATA, 237, 1.º

Menstruação

Aparece rapidamente seja qual for a causa tomando o FERREOL  
Não prejudica a saúde. Caixa 15\$00.  
Envia-se pelo correio á cobrança.  
FARMACIA CUNHA  
R. da Escola Politécnica 16 e 18 LISBOA

Miguel Fraga

Venda ouro, prata e objectos com brilhantes por baixo preço  
Grande sortimento de monogramas de ouro e prata para cartelas  
Rua da Palma, 26-28

A PRESTAÇÕES

Fatos, calçado, sobretudo, peluches, roupas brancas, chapéus, artigos de lã, peles, capas e todos os artigos próprios da estação, mobiliário em ferro e madeira, — na antiga e acreditada casa da Rua António Pedro, 52.

A BATALHA

ESTE SEGURO IMPÕE-SE A TODOS OS TRABALHADORES

Tudo o operário ou trabalhador por 33 CENTAVOS POR DIA garante a sua vida, em caso de morte, um capital de ESC. 5.000\$00 pago imediatamente. Se economizar 58 CENTAVOS POR DIA DURANTE 30 ANOS garante para a sua velhice uma pensão de ESC. 100\$00 MENSAIS pagos enquanto for vivo.

A MUNDIAL

Companhia de Seguros Sede — Rua Garrett, 95 LISBOA

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada  
DOENÇA E INVALIDEZ

ATENÇÃO!!!

Vendem-se directamente das fábricas ao público lanifícios, assim como fatos por medidas em bons estambres desde 200, 250 e 300\$00. Fatos feitos para homem em casimiras, em todas as medidas, desde 100, 120, 130 e 140\$00. Fatos feitos para rapaz desde 70\$00. Calças já feitas para homem em todas as medidas, desde 30, 35, 40 e 50\$00. Grande stock de casacos de senhora desde 80, 100, 120 e 140. Casa dos Lanifícios. Calçada do Combro, 72-74.

Biblioteca de Instrução Profissional

Elementos gerais	
Algebra elemental	13\$00
Arithmetica practica	12\$00
Desenho linear geometrico	12\$00
Elementos de electricidade	30\$00
Elementos de fisica	12\$00
Elementos de mecanica	12\$00
Elementos de modelação	12\$00
Elementos de projecções	16\$00
Elementos de quimica	13\$00
Geometria plana e no espaço	13\$00
Fabricação de tecidos	13\$00

Mecânica	
Torno e Frezador mecânicos	15\$00
Desenho de máquinas	25\$00
Material agricola	13\$00
Nomenclatura de caldeiras e máquinas a vapor	13\$00
Problemas de máquinas	16\$00

Construção Civil	
Acabamentos das construções	16\$00
Alvenaria e Cantaria	13\$00
Edificações	13\$00
Encanamentos e salubridade das habitações	13\$00
Manuais de construção	20\$00
Terraplenagens e alieceres	13\$00
Trabalhos de Carpintaria	16\$00

Diversas indústrias	
Condutor de Máquinas	20\$00
Foguetes	16\$00
Formador e estudador	12\$00
Fundidor	13\$00
Pilotoagem	16\$00
Indústria alimentar	12\$00
Indústria do vidro	12\$00

Manuais de officios	
Galvanoplastia	16\$00
Motores de explosão	20\$00
Navegante	16\$00
Cimento armado	25\$00

LA NOVELA SOCIAL LA LOCA VIDA

É o título do n.º 10 da interessante colecção de novelas que se publicam em língua espanhola sob o título genérico de *Novela Social*, encontrando-se á venda na nossa administração ao preço de \$60. Pelo correio \$70.

ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos. Pedidos a: FRANCISCO LATTA LARGO DO CONDE BARÃO, 55 Tabacaria e Kiosque

História Universal del Proletariado

«Veinte siglos de opresion capitalista»

Esta publicação em língua espanhola quer encontrar á venda na nossa administração, é o relato histórico, documentadíssimo e detalhado das lutas originadas pela desigualdade social que, sob formas diversas e variados sistemas, perdura desde os primeiros alvares da civilização.

Cada fascículo de 48 páginas. 1800 pela correio, registado, 1850.

- Estão publicados os seguintes fascículos:
- 1.º — «La era de la esclavitud»;
  - 2.º — «La rebelión de Espartaco»;
  - 3.º — «Abolición de la esclavitud»;
  - 4.º — «Abyección y Servidumbre»;
  - 5.º — «La revolución de los siervos»;
  - 6.º — «La miseria de los agricultores»;
  - 7.º — «Transformación del Poder Feudal»;
  - 8.º — «El comunismo cristiano»;
  - 9.º — «Los miserables en la Edad Media»;
  - 10.º — «La libertad ilusoria»;
  - 11.º — «La agonía del absolutismo»;
  - 12.º — «El trabajo motor universal»;
  - 13.º — «El imperio de la guilhotina»;
  - 14.º — «Las ideas sociales y la revolución francesa»;
  - 15.º — «Los primeros tiempos del salariado»;
  - 16.º — «Los hospitales, cárceles y asilos»;
  - 17.º — «Las crueldades de la burguesía republicana»;
  - 18.º — «Los héroes de la Comuna»;
  - 19.º — «Horribles matanzas de Comunistas»;
  - 20.º — «La República Española y la clase obrera»;
  - 21.º — «La Primera Internacional»;
  - 22.º — «El socialismo ante el Parlamento español»;
  - 23.º — «El futuro obrerista profetizado por Castelar»;
  - 24.º — «Pí y Morgall confundido a los enemigos del socialismo»;
  - 25.º — «Los precursores del Proletariado moderno»;
  - 26.º — «Crueldades burguesas»;
  - 27.º — «Los mártires de Chicago»;
  - 28.º — «Muerte heroica de cinco proletarios»;
  - 29.º — «El proletariado en América»;
  - 30.º — «Los dictadores mejicanos».

A' venda na administração de "A Batalha"

Cartilha do homem do povo	50
Programa agrícola do Partido Operário Francês, por Paulo Lefort	50
Deus, o Diabo e o Homem, por Lourenço da Silva	150
Cartas políticas, por João Chagas, diversos números, cada exemplar	1300
A Humanidade, por Tarat Javol	1350
O Abandono, pelo Dr. Confeymon e I. Budin	2900
Monarquia Jesuitica, por Melchior Zuchet	2900
Os galos, por Fialho de Almeida, os três primeiros números da 2.ª série	2950
O Mito, pelo prof. Almeida	2950
Os Crimes da Sacristia, por Alexandre Barbas	3900
A Religião da Humanidade, por José Augusto Pereira	3950
A Filologia perante a História, por Nobre Franca	5900
Teófilo Braga, traços biográficos por Francisco Simões Botelho	5900
O que é o socialismo, por E. Soisson	1350
Os direitos do Estado, por A. Levisse	2950
O corpo humano, por A. Levisse	2950
Gravidez e parto, pelo dr. Desvigneaux	1950
Os primeiros socorros a doentes, por A. C. Barroso da Silveira	2900
Determinação do valor físico do adulto, por A. C. Barroso da Silveira	1350
O conflito de Trento e a Civilização Moderna, por Alexandre Barbas	3950

LITERATURA REVOLUCIONARIA EM CASTELHANO

Maximo Gorki	6500
Como se forja um Mundo Nuevo	6500
Cuentos de Ildia	6500
La vida de un Hombre innecesario	6500
Wladimir Korolenko	6500
El imperio de la Muerte	6500
Dr. G. Feydoux	10500
La vida tragica de los Trabajadores	10500
Jean Masestan	9900
La Educación Sexual	10500
El matrimonio, el amor libre y la libre maternidad	9900
E. Reclus	6900
La Montaña	6000
El Arroyo	6000
Octavio Mirbeau	6900
El Calvario	6900
P. Kropotkin	6900
La etica, la revolucion y el Estado	6900

GLOBEOL



PUBLICAÇÕES SOCIOLOGICAS

Organização Social Sindicalista	3500
Antonelli, — A Rússia bolchevista	2900
Cura Merlier, — A razão dum padre	5900
Dufour, — O sindicalismo e a próxima revolução (2 volumes)	8500
Emilio Bossi, — Cristo nunca existiu	6900
Geo Williams, — Relatório dos delegados dos I. W. W. ao congresso da I. S. V. de Moscovo	1500
Gustavo le Bon	
As primeiras consequências da guerra	8900
Ensinamentos psicológicos da guerra europeia	8900
Leis psicológicas da evolução dos Povos (enc.)	6900
Guyau, — Ensaio duma moral sem obrigação nem sanção	5900
Educação e Hereditariedade	4900
Hamon	
A conferência da paz e a sua obra	5900
As lições da guerra mundial	8900
O movimento operário da Grã-Bretanha	5900
Psicologia do socialismo-anarquista	5900
A crise do Socialismo	550
A psicologia do militar profissional	5900
Henrique Leão — O Sindicalismo	4900
Melodoro Salgado	
O culto da Imaculada	500 10
Jean Grave	
A sociedade Futura	5900
O indivíduo e a sociedade	4900
Joseph I. Ettor, — Unionismo industrial	590
Julio Guesde, — A lei dos salarios	390
Justus Ebert, — O I. W. W. na teoria e na pratica	3900
Kropotkin	
Anarquismo, sua filosofia e seu ideal	1550
A Grande Revolução (2 vols)	10900
A moral anarquista	550
Os bastiões da Guerra	390
O Estado e o seu papel histórico	1950
Lazare, — A Liberdade	550
N. Lénine, — Os problemas do poder dos Soviets	1350
O Estado e a Revolução	4900
Landauer, — A Social Democracia na Alemanha	550
Manuel Ribeiro, — Na linha de fogo	3900
Marx, — O Capital	5900
Melchior Inchofer, — Monarquia jesuitica	3900
Nietzsche	
Anti-Cristo	4900
Genealogia da moral	4900
Nena Vasco, — Ao Trabalhador Rural — Geórgicas	35
Tomás da Fonseca, — Sermões da Montanha	2190 0
Concepção Anarquista do Sindicalismo	3900
A greve dos inquilinos	1900
Novikov, — A emancipação da mulher	4900
Pataut e Pougat, — Como faremos a revolução	4900
Perfeito do Carvalho, — Notas e comentários	1550
Sebastião Fauré, — Doze provas da existência de Deus	1550

Edições SPARTACUS

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 3500.  
Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 6500.  
No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 6500.  
A venda nas livrarias em administração de A Batalha.

Edições de A SEMEITEIRA

Práticas neo-malthusianas... 550  
O sentido em que somos anarquistas... 550  
A peste religiosa... 550  
A Liberdade... 550  
A Internacional (música e letra)... 550  
Pedidos à A BATALHA ou no Caisdo Sodré, 8.





## QUESTÕES DA ACTUALIDADE

### O Estado proletário

Há quem se preocupe em estabelecer uma diferença marcada, mas, no entanto, uma oposição formal, entre o Estado burguês e o Estado proletário.

—O Estado burguês, dizem, é a instalação do poder, da classe capitalista; a é garantia, por essa classe, sobre o orçamento suposto, a administração, a força armada e a lei, e o conjunto dos poderes públicos, legislativo, executivo e judicial ao serviço do Capital.

O Estado proletário é a instalação do poder da classe trabalhadora: é a mão posta pelo proletariado sobre a lei, o orçamento e a força armada; é o conjunto dos poderes públicos, legislativo, executivo e judicial ao serviço do Trabalho.

Eu faço notar, antes de mais nada, que, concepção do Estado—burguês e proletário—presupõe necessariamente, a coexistência de duas classes rivais, uma, dirigindo e organizando o Estado em seu benefício, em detrimento da outra.

Pode-se, certamente, acordar nas preferências de cada um, a um ou outro Estado, e, se é natural que os capitalistas proclamem a superioridade do Estado burguês, do qual recebem todos os benefícios, não é menos natural que os que se chamam trabalhadores, afirmem a excelência do Estado proletário, do qual eles serão os amos.

Mas esse ponto de vista, é totalmente estranho à ideia que fazem da Revolução Social «todas as escolas socialistas».

Estas, declaram que a Revolução tem, por objectivo, pôr fim à luta de classes, pela supressão da classe parasitária e pela fusão consecutiva das duas classes actuais em uma só: os trabalhadores abraçando o mundo inteiro.

Desafio qualquer teórico do socialismo a desmentir esta afirmação de princípios.

Por consequência, não somente esta substituição do Estado proletário pelo Estado burguês, não tem nada de comum com a concepção socialista—*a priori* com a concepção anarquista, —da Revolução, nem tampouco está em contradição formal com ela.

Por outro lado, esta substituição—que, na realidade outra coisa não será que a substituição dos rugos—deixará subsistir, senão todos os graves inconvenientes do Estado actual, pelo menos a maior parte, e talvez dos piores...

E' necessário insistir sobre o facto de que o Estado—todo o Estado—é, por essência e por definição, opressor e explorador?

\*\*\*

O Estado não se concebe, não se pode conceber, sem a lei. A lei não se concebe nem pode conceber-se sem a força.

Desde que o Estado existe e, qualquer que sejam as formas que ele assume e as modificações que sofre, vê-se constantemente apoiado e defendido, no tempo e no espaço sobre a força, que as sanciona e que tem por missão castigar quem se insurja contra elas.

Um homem de espírito não se conceberá a ideia de um Estado sem lei e sem força. O primeiro chama rigorosamente os dois últimos.

O Estado sem a força e sem a lei seria, em qualquer das hipóteses, uma pura divagação.

Quem diz Estado diz Lei; quem diz Lei diz Sanção, diz Força; convinhámos nisto. Em consequência, o Estado proletário terá, tal como o Estado burguês, as suas leis; essa Lei terá a sua Sanção, a Sanção terá a sua Força.

Lei estabelecida pelos mesmos trabalhadores, em benefício do Trabalho, contra o parasitismo, diz-se.

Seja, mas será sempre Lei. Sanção exercida contra os burgueses recalcitrantes e os proletários indolentes, seja também—mas sanção, sempre.

Força na mão dos proletários, dirigida exclusivamente contra os burgueses incorrigíveis e os proletários refractários; seja também, mas sempre a mesma força.

Tudo nos demonstra que, a pesar da mudança do rótulo, o Estado proletário oprimirá.

A opressão terá mudado de campo. Os opressores e os oprimidos não serão os mesmos: opressores hoje, os burgueses serão os oprimidos de amanhã; oprimidos hoje, se converterão amanhã em opressores. (Os anarquistas serão oprimidos amanhã, como já o são hoje).

Isso será tudo. Pode-se, porventura, imaginar que os proletários, senhores do Poder, escaparão à deformação, à venalidade, à corrupção, às ambições, às hipocrisias, aos cálculos baixos, às combinações torpes que, a cada passo, saturam a atmosfera em que se movem os dirigentes?

Seria rematada loucura pensá-lo. Seria desconhecer os ensinamentos da História, e negar, claramente, os mais seguros dados da observação. Seria—para servir-me de uma expressão de que abusam os adversários do anarquismo—não ter em nenhum grau o sentido das realidades.

Por consequência, proletário ou burguês, o Estado é, inelutavelmente—e nem outra coisa pode ser—opressor e, em consequência, brutal, arbitrário, violento, falaz, cívico e perseguidor.

\*\*\*

Proletário ou burguês, o Estado, opressor, por essência e por definição, é igualmente, por essência e por definição, explorador.

A demonstração será breve, mas decisiva. Disse, e é incontestável, que não há, nem pode haver, Estado sem legislação, legislação sem sanção, sanção sem força.

Então, a legislação implica o legislador: necessidade de assembleias, parlamentos, conselhos, ministérios, comités, administrações públicas, delegações, serviços, oficinas, bordadores de papel, de todas as classes, que são como a vegetação espontânea e natural, que nasce no solo da lei.

A sanção,—para respeito e aplicação da Lei—presupõe esse desenvolvimento assistente dos tribunais, que, principiando na simples polícia, vão até ao Supremo Tribunal de Justiça.

A Força implica um formidável aparato de repressão que, debaixo do nome de polícia, guarda, serviços penitenciários, exército, se lança sobre o delincente, o entrega ao juiz, o condena, o aprisiona e, quando a rebelião é colectiva, massacra em massa.

Sermos justos: admitamos que na estrutura do Estado proletário os viveiros de

serão—embora esteja convencido do contrário—menos abundantes do que na estrutura estatal burguesa. Será, no entanto, sempre considerável: compreenderá, sempre, uma fracção mais ou menos numerosa de população e, em geral, de indivíduos jovens, robustos e em idade de produzir.

Logo, eles não produzirão, mas consumirão.

Quem manterá todos estes parasitas, desde que não trabalhem?

Como obterão eles os seus meios de subsistência, não trabalhando?

Essa massa considerável de «entretenidos» pelo Estado proletário, à custa do país, não constituirá uma nova classe de fortes garras, cravadas no proletariado?

Temos, pois, que o Estado proletário ou burguês, não pode ser senão explorador.

«Opressão e explorador, quaisquer que sejam as suas bases, a sua constituição, a sua forma, tal é o Estado».

Pode-se apreciar o problema em todas as suas faces, pode-se virá-lo e revirá-lo de todos os lados, pode-se chicanear, pedantear, subtilisar: a confusão é que se não poderá iludir.

\*\*\*

A divisa do sindicalismo é, salvo erro: bem-estar e liberdade.

Explorador, o Estado opõe-se ao bem-estar dos trabalhadores: lança-se sobre a sua produção, diminuindo-a.

Opressão, opõe-se à sua liberdade; mantendo-os na servidão.

Pode ser que com o Estado proletário seja menor a exploração do que com o Estado burguês, admitindo-se que no Estado proletário o número de funcionários de todas as categorias será menos numeroso, e que o seu sustento será menos dispendioso: mas a opressão, no Estado proletário, se não é mais forte, em si, não será menos dolorosamente sentida e, portanto, mais vingada. Mais sêde há de liberdade e mais se sofre a opressão.

Por agora, eu exponho aos que se interessam pelo problema do Estado proletário, a seguinte questão:

—O sindicalismo, cujo objectivo preciso, sua fundamental razão de ser e sua alta missão, consiste em realizar a libertação integral do trabalho e de todos os trabalhadores, pode admitir entre o Estado burguês e o Estado proletário a oposição profunda que se pretende estabelecer?

Queridos amigos sindicalistas, respondei.

Sebastião FAURE

### Movimento Juvenil

Aula de militantes e educação mútua do Núcleo de Lisboa

A aula de militantes das Juventudes Sindicistas, mantida pelo Núcleo de Lisboa, volta a funcionar hoje, pelas 21 horas, escolhendo para tema da discussão: «Definição das diversas tendências existentes no movimento operário e revolucionário».

### CONFERÊNCIAS

#### “O problema da produção”

O engenheiro sr. Perpétuo da Cruz efectua hoje, pelas 21 horas, na Universidade Popular Portuguesa, rua Particular à rua Almeida e Sousa, a segunda conferência sobre os grandes problemas económicos da actualidade. Esta conferência, que é subordinada ao tema «O problema da produção», tem o seguinte sumário: 1.º Órgãos de produção. O capital e o trabalho—suas funções essenciais—suas relações mútuas. 2.º Origem do capital. O capital órgão indispensável ao equilíbrio económico das sociedades. 3.º Aspectos do capital: capital fixo e circulante. Necessidade de equilíbrio dos dois aspectos do capital. 4.º Influência do capital no custo da vida e no bem estar dos povos. O delírio do lucro. 5.º O trabalho—sua função económica—Trabalho livre e trabalho forçado—Trabalho produtivo e improdutivo. —Lei do menor esforço e trabalho máximo. 6.º Necessidade da troca à produção de trabalho útil em regime de liberdade. 7.º Consumo proporcionado à produção—O salário. —Consumo fisiológico e psicológico. —Gêneros de primeira necessidade e comodidade. 8.º As grandes fontes de produção nacional. 9.º Os inimigos da produção. 10.º Influências da moeda e do crédito na produção. A entrada é livre.

Lei estabelecida pelos mesmos trabalhadores, em benefício do Trabalho, contra o parasitismo, diz-se.

Seja, mas será sempre Lei. Sanção exercida contra os burgueses recalcitrantes e os proletários indolentes, seja também—mas sanção, sempre.

Força na mão dos proletários, dirigida exclusivamente contra os burgueses incorrigíveis e os proletários refractários; seja também, mas sempre a mesma força.

Tudo nos demonstra que, a pesar da mudança do rótulo, o Estado proletário oprimirá.

A opressão terá mudado de campo. Os opressores e os oprimidos não serão os mesmos: opressores hoje, os burgueses serão os oprimidos de amanhã; oprimidos hoje, se converterão amanhã em opressores. (Os anarquistas serão oprimidos amanhã, como já o são hoje).

Isso será tudo. Pode-se, porventura, imaginar que os proletários, senhores do Poder, escaparão à deformação, à venalidade, à corrupção, às ambições, às hipocrisias, aos cálculos baixos, às combinações torpes que, a cada passo, saturam a atmosfera em que se movem os dirigentes?

Seria rematada loucura pensá-lo. Seria desconhecer os ensinamentos da História, e negar, claramente, os mais seguros dados da observação. Seria—para servir-me de uma expressão de que abusam os adversários do anarquismo—não ter em nenhum grau o sentido das realidades.

Por consequência, proletário ou burguês, o Estado é, inelutavelmente—e nem outra coisa pode ser—opressor e, em consequência, brutal, arbitrário, violento, falaz, cívico e perseguidor.

Proletário ou burguês, o Estado, opressor, por essência e por definição, é igualmente, por essência e por definição, explorador.

A demonstração será breve, mas decisiva. Disse, e é incontestável, que não há, nem pode haver, Estado sem legislação, legislação sem sanção, sanção sem força.

Então, a legislação implica o legislador: necessidade de assembleias, parlamentos, conselhos, ministérios, comités, administrações públicas, delegações, serviços, oficinas, bordadores de papel, de todas as classes, que são como a vegetação espontânea e natural, que nasce no solo da lei.

A sanção,—para respeito e aplicação da Lei—presupõe esse desenvolvimento assistente dos tribunais, que, principiando na simples polícia, vão até ao Supremo Tribunal de Justiça.

A Força implica um formidável aparato de repressão que, debaixo do nome de polícia, guarda, serviços penitenciários, exército, se lança sobre o delincente, o entrega ao juiz, o condena, o aprisiona e, quando a rebelião é colectiva, massacra em massa.

Sermos justos: admitamos que na estrutura do Estado proletário os viveiros de

## ANTE A CRISE

### NÃO PODE SER!

Nós somos o povo trabalhador, aquele povo que no campo se ergue ao deitar e nas cidades vive produzindo nas mais lúgubres e horribes oficinas. Descendemos, sempre, do povo trabalhador que igualmente viveu esta vida miserável.

Não faz mal dizer mais uma vez, que tudo produzimos e nada temos, sobretudo na quadra que se atravessa; pois queremos trabalhar e não temos onde, e sem os magros proventos do trabalho penoso, na nossa mesa não há, sequer, o pão negro da Moagem.

Nunca negámos o nosso concurso ao progresso. Sempre partidários da liberdade, seus paladinos estrenuos, de braços abertos temos recebido os que, não sendo proletários, até nós têm vindo para batalhar pela nossa causa.

Porém... nós, os trabalhadores, suportamos uma vida de miséria, incompatível com o espírito de humanidade. Na nossa passagem pela vida fora, como classe explorada e explorada, fica uma esteira de sangue a atestar as nossas dores, e as lutas sangrentas travadas contra os inimigos de classe. E teremos que andar assim sem saber por quanto tempo?

O povo carece de tudo e o único processo de atender as necessidades consiste em haver uma suficiente produção e consequente liberdade de produzir. O industrialismo apenas pretende viver com o maior rendimento possível, e por isso quer sujeitar os trabalhadores a trabalharem muitas horas consecutivas. Daqui resultam as grandes crises de trabalho e seu corolário miserando.

O comércio não é um agente da troca, mas da fome.

Enquanto o industrial lança à rua quasi todos os trabalhadores reservando-se com uns tantos que força a produzir mais horas e colher assim, por esta desenfreada exploração, os necessários rendimentos para uma vida de conforto; o comerciante, seguindo os mesmos passos, especula com os poucos artigos produzidos elevando-lhes os preços para, do mesmo modo, arrecadar os lucros de que a sua vida de comodidades carece.

Resultado: pouca produção obtida à custa dum trabalho exaustivo; gêneros caros só acessíveis aos ricos exploradores; por último, uma multidão de operários sem trabalho e uns tantos que, trabalhando, não têm possibilidade de adquirir, devido à sua carestia, os gêneros indispensáveis à sua alimentação e à dos seus.

Assim, nas oficinas quasi desertas labutam, por muitas horas consecutivas, uns tantos operários que figuram fantasmas entre a maquinaria paralisada; os campos por cultivar incutem pavor com a miséria que assola a população trabalhadora e calcureando as ruas e os caminhos vão milhares de operários em procura de trabalho que não encontram.

Esta situação desesperada em que nos encontramos, nós, os operários, é insustentável, e por entre os clamores dos que se encontram sem pão e sem trabalho escapa-se um tremendo — não pode ser!

S. C.

### UM ALVITRE

#### A organização sindical na indústria de transportes urbanos

Segundo o que tenho lido no órgão das classes trabalhadoras vai iniciar-se um período de intensa propaganda, a qual supõe de benéficos resultados e de inteira necessidade para a organização operária.

Parece-me que os delegados que fossem destacados para a província deveriam enviar todos os seus esforços no sentido da organização dos Sindicatos Unidos dos Transportes Urbanos. Estou convencido de que não será tarefa fácil, mas iriam até onde lhes fosse possível; tanto mais que, atendendo ao período repressivo que a classe de transportes vem atravessando, julgo que não seria de todo inútil a propaganda que se fizesse.

Quando da greve da classe de transportes, greve que ainda deve estar na memória de todos, pela forma como se lutou e pelas medidas de repressão que as autoridades puzeram em prática, fez-se alguma coisa nesse sentido, e posso afirmar que nessa ocasião, parte das classes interessadas estava de acordo; mas a greve terminou e nunca mais se falou no assunto. Porque não se ha de tentar mais uma vez?

Existe no Porto, a numerosíssima classe dos carreiros, cujos serviços são indispensáveis ao Comércio e Indústria. Apesar disso, é uma das mais perseguidas pelas autoridades com multas exorbitantes, etc. Tem uma associação de classe, mas esta não sei porquê—só raras vezes dá sinais de vida, motivo por que os seus componentes se vão sujeitando a todos os vexames que lhes têm querido infligir.

Não seria pois, o momento próprio para chamar estas camaradas ao bom caminho? Suponhamos que os esforços despendidos eram coroados de êxito e se conseguia organizar, de facto, os Sindicatos Unidos de Transportes Urbanos. Estes ingressavam na Federação de Transportes, ou com todas estas forças, organizar-se hia uma única Federação que se denominaria: *Federação de Transportes Marítimos e Terrestres*.

Eis o meu alvitre, o qual deixa à apreciação dos que tiverem a competência que a mim me falta: se virem que pode ser aproveitado, mãos à obra!

Inácio Teixeira BASTOS

A cura das doenças pelas plantas, livro útil da boa dona da Pedreira, administração de A. Batalha, casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50.

SUCATAS

Compra-se toda a qualidade e quantidade de sucata de metais e ferro. RUA CAIS DO TOJO, 38 e 40 (ao Conde Barão).

## A GUERRA NA CHINA

### AS INTENÇÕES DOS CANTONENSES

Ainda não se travou a batalha em torno de Xangai e já o exército nacionalista se apressa de mais de metade da China e o governo de Pequim, o aliado dos estrangeiros, está absolutamente desautorizado. Os cantonenses continuam o movimento de restauração chinesa iniciado, há quinze anos, pelo dr. Sun-Yat-Sen, e todo o seu ideal nacionalista apregoa a unidade do país, a soberania da nação, o restabelecimento da integridade territorial.

Os cantonenses pensam em convocar uma reunião preparatória de uma conferência efectiva que promova a constituição de um governo de unidade nacional segundo a política iniciada por Sun-Yat-Sen.

Eles exigem ainda a abolição dos tratados com o estrangeiro e a firma de outros que assegurem a soberania da China, erguida ao nível das outras nações.

Todas as forças militares e navais do estrangeiro terão de se repatriar, a jurisdição consular estrangeira será extinta, restituindo-se à China os territórios das concessões e a autonomia fiscal.

Os estrangeiros não poderão fundar bancos, ou sequer, financiá-los, sem o prévio consentimento do governo nacional. Um controle financeiro seria estabelecido e o imposto interno extinguido-se-ia.

O censo da população será organizado, assim como se reformará o sistema monetário e se limitarão as emissões fiduciárias.

Os pontos que referimos demonstram o espírito nacionalista da formidável revolução chinesa. Ainda os cantonenses pretendem reformas de sentido democrático.

Contudo, o principal objectivo dos cantonenses é a expulsão dos estrangeiros e consequente restauração da nacionalidade.

Os intrusos preparam-se para a resistência. As potências andam combinando uma acção comum em Xangai, concessão internacional.

As esquadras concentram-se nas águas da China. Estão prontos a qualquer acção 60 navios de várias nações. Em Xangai estão concentrados 1.500 soldados britânicos, 800 norte-americanos, 2.000 japoneses, 500 franceses e 500 italianos. Com todas estas forças, contam as potências vencer os nacionalistas chineses em Xangai.

#### A atitude da Inglaterra

LONDRES, 19.—Segundo se afirma nos círculos oficiais, a política inglesa relativa à China continua sem alteração, aguardando o governo britânico o momento oportuno de colaborar com os chineses na satisfação das suas muitas ambições. Rigeni Chen, ministro dos negócios estrangeiros do governo de Cantão, enviou uma mensagem ao *Daily Express* definindo as aspirações de independência dos nacionalistas chineses, e acusando a Inglaterra de responsável pela actual situação e pelo imperialismo das potências estrangeiras na China.—(L.)

#### A atitude do Japão

TÓQUIO, 19.—O ministro dos negócios estrangeiros declarou no parlamento que o Japão exige o reconhecimento dos seus direitos na China, que protegerá devidamente, mas nada tem que intervir na escolha do governo daquele país.—(L.)

#### Para a última batalha

MALTA, 19.—Largaram hoje para Xangai os cruzadores «Frobisher» e «Cerberus» e «Menae» da primeira esquadra do Mediterrâneo sob o comando do vice-almirante Boyler e serão brevemente seguidos por vários navios auxiliares.—(L.)

#### Reforços para a China

LONDRES, 19.—Partem brevemente para a China alguns milhares de marinheiros das brigadas de Chatham, Plymouth e Portsmouth, que Kaal vai proteger as vidas e propriedades britânicas.—(L.)

#### AS BOAS ALMAS

FEITOS SAGRADOS E CONSAGRADOS DE UM SR. PADRESINHO

GONÇALO, 18.—O obscuro mas digno emulo de Lolita, o padre Manuel Salcedo, cuja fama *A Batalha* já apregou, continua elevando-se para a imortalidade. As suas gloriosas façanhas não pouparam os seus devotos, e desde que a menor censura aos seus actos.

Há dias, faleceu uma pessoa de família do sr. José Gonçalves, que decidiu, em seu entender, mandar dizer uma missa por alma da finada. E aquele senhor avisou-se com o fãchudo padre Salcedo com o qual combinou dia e hora da função.

O padre, porém, resolveu dizer a missa mais cedo do que o combinado, de modo que a família do sr. José Gonçalves, quando chegou, pontualmente, encontrou já a missa cantada a outros fiéis.

O sr. Gonçalves não gostou da partida e censurou o Salcedo. O sr. padrinho famoso, assíduo leitor das *Novidades*, não gostou da lição de moral: armou em valente e pretendeu agredir à bengalada o fiel, um pobre velho indefeso.

A doutrina da «boa imprensa» e a moral da santa madre encarnam-se nos exemplos do sr. padrinho Salcedo. O povo das aldeias e pequenas vilas lá vai caído no sagrado ludíbrio dos seus sentimentos e da sua bôlsa. As agressões e os insultos—concorde as *Novidades*—são agora as bulas mais rendosas.—C.

COMANDITA OPERÁRIA UNIÃO

Fundada em 4 de Fevereiro de 1923

#### SAPATARIA

Participa os seus Ex.ªs fregueses que mudou o seu estabelecimento, sito na Travessa da Peixeira, 28, 1.ª; para a Rua Nova da Piedade, 59 e 61 aonde continua a servir os seus fregueses.

Esperamos uma visita ao nosso estabelecimento onde poderéis encontrar um sortido em calçado de senhora e homem. Também executamos medidas e concertos com perfeição.

Preços razoáveis

## Luta de classes

### Os afinadores de teares mecânicos da Empresa Fabril de Salgueiros, Porto, declaram-se em greve

PORTO, 19.—Já de há tempos a esta parte, desde que nas colunas de *A Batalha* foi posta a nu a craveira moral do director da Empresa Fabril de Salgueiros, que uma série de represálias se tem exercido contra os afinadores de teares mecânicos que na mesma empresa exercem a sua profissão. Julgam talvez serem eles os instigadores de tais artigos mas o fôto é outro. Desde que, entre as numerosas classe de afinadores de teares mecânicos, surgiu o espírito associativo—espírito este que deve ser seguido por todos os escravos do capitalismo—que os senhores industriais lêxteis não vêem com bons olhos os melhores cooperadores das suas fortunas e então, todos os meios são convenientes para atingir certo e determinado objectivo—a desagregação do espírito de solidariedade que anima a classe em referência.

Foi, pois, por estarem fartos de tantas represálias, que contra eles estavam sendo exercidas pelos senhores que pontificam na fábrica de Salgueiros, que num gesto admirável abandonaram o trabalho, os afinadores de teares mecânicos da referida fábrica.

E certamente que não foi por mero capricho o cometimento desse gesto, como alguns poderiam supor. Foi baseado em justíssimas reclamações, materiais e morais.

Entenderam e com muita razão, que o problema de aprendizagem na afinação de teares, devia ser regulado de maneira a não só não serem prejudicados os respectivos aprendizes como também as operárias teceadeiras e os próprios afinadores.

Resolveu a Empresa Salgueiros o seu problema económico: serviu-se com os aprendizes, pagando-lhes por um miseros escudo semonais, não olhando aos prejuizos que inevitavelmente acarretariam para as operárias e negando uma reclamação dos profissionais que se subsistancia na equiparação dos salários aos operários das outras fábricas.

Mas há mais e muito melhor... Como é sabido, a greve declarou-se na passada sexta-feira em virtude da negação absoluta das reclamações. E o que faz a empresa, à frente da qual se encontra um director que é uma lústima em moral, para solução do conflito?... A exemplo dos movimentos grevistas dos ferroviários, do funcionalismo publico, etc., solicitou o auxílio da polícia para ocupar os logares dos grevistas... Está solucionada a greve por esta lembrança do *sic director*...

Tal pensamento não teria o diabo, se é que existe inferno ou céu...

Os leitores que passaram os olhos por estas linhas e que conhecem o que é uma fábrica de tecidos, devem certamente rir-se da inocência do idiota... Em lugar de afinadores de conhecimentos técnicos tão profundos, talvez um quadrupano, na verdadeira acepção do termo, desempenhasse melhores funções. Em lugar de chaves de parafusos e de porcas-anilhas, adoptam estes profissionais, espadim e um bacamarte à cinta. Não é má ferramenta para vítimas das suas atrocidades.

E sabem, quanto dispense a empresa com estes excelentes profissionais? Calculem uns 30\$00 escudos por dia, fora o ordenado da policia que nós pagamos indirectamente ao Estado, para este lho dar depois, que não há-de errar muito...

E nega-se a sempre a dar aos grevistas os 20\$00, por um capricho criminoso, que nos deve merecer uma forte repulsa.

E são estas as reclamações justíssimas dos afinadores de teares mecânicos da fábrica Salgueiros, cujos patrões desejam-nos ver mais miseráveis do que o que temos sido.

Na passada segunda-feira reuniram em sessão magna, na sede da Federação Têxtil, os grevistas, que entre vibrantes aclamações resolveram continuar na luta, até que justiça lhes seja feita. Continuam reunidos em sessão permanente para apreciação das demarches.

“Educação Social”

Revista de pedagogia e sociologia. Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA. Publicação mensal.

Redacção e administração—*Empresa Literária Fluminense, Limit.*—R. dos Retreiros, 125—LISBOA.

A venda na administração de *A Batalha*.

Publicações recebidas

Novo Atlas de Geografia

Editado pela livraria Aillaud, Limitada, acaba de aparecer no mercado literário o novo Atlas de Geografia, inteligentemente coordenado pelos professores, especialistas na matéria, srs. João Monteiro e Luís Schwabach.

Escusado será encarecer a importância do novo Atlas, atenta a oportunidade do seu aparecimento que vem satisfazer a reconhecida necessidade do ensino secundário, onde se vinha desde há muito sentindo a falta dum compêndio que, na especialidade da matéria, satisfizesse ao mesmo tempo a dois requisitos essenciais—uma óptima impressão e coordenação dos respectivos mapas e uma modicidade no preço acima de toda a competência comercial.

Nem nos admira que assim seja, porquanto a importante livraria que editou este valiosíssimo trabalho sabe compreender com poucas a missão que se impoz, não se preocupando apenas com a compensação material do seu comércio, mas atendendo também e sempre ao aperfeiçoamento intelectual da mocidade estudiosa.

Só assim se compreende que o seu esforço seja sem desfalecimentos e sem intermitências, atirando freqüentemente para o mercado do livro edições valiosíssimas de carácter didáctico e literário.